



Cosmonucleação Regenerativa na Mata da Boa Vista, T.I. Xukuru do Ororubá, aplicada na cosmogestão territorial ambiental

*Regenerative Cosmonucleation in Mata da Boa Vista, T.I. Xukuru do Ororubá,
applied to environmental territorial cosmomanagement*

ORDONIO, Iran Neves¹; BRUGNAGO, Fabricio²; PEREIRA, Angela Neves;
ARAUJO, Rayanne Pereira de; ALMEIDA, Edgar Oliveira;

¹ Coletivo Jupago Kreká/IPA-PE, iranxukuru@gmail.com; ² Instituição Coletivo Jupago
Kreká/PPGA'-UFPB, fabricio.brugnago@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

Apresentação e Contextualização da experiência

O Povo Xukuru luta pela regeneração de seu território, o qual foi devastado em um processo colonizatório de mais de 400 anos que violou sua Natureza Sagrada, seu Bem Viver – Limolaygo Toype - e suas mentes. Assim, o povo Xukuru, liderado pelo cacique Xikão, travou uma luta contra fazendeiros que persistiam com a invasão de seu território Sagrado, a partir das retomadas, retomando não só sua terra, mas o orgulho de ser indígena Xukuru. Nessa luta, alguns guerreiros Xukuru tombaram, incluindo o próprio cacique Xikão, porém sua mensagem tornou-se semente para que novas gerações continuem o seu trabalho de encantamento humano.

Hoje, a população Xukuru supera 11.000 pessoas vivendo em comunidade em um território de 27.555 hectares na região agreste do Pernambuco, entre os municípios de Pesqueira e Poção, no Bioma da Caatinga, coabitando com outros seres da região da Serra, terras altas de Ororubá em um ambiente de brejo de altitude.

Com a demarcação veio também a necessidade de cuidados e gestão do território. Diante deste desafio, o povo Xukuru organizou-se com instituições fortes e integradas com diferentes responsabilidades, tais como o conselho formado por lideranças de cada uma das 24 aldeias que compõem o território, o conselho de saúde (CISXO), o conselho de educação (COPIXO), o coletivo das mulheres, o coletivo da juventude Poya Limolaygo e o coletivo da agricultura, Jupago Kreká.

Este relato é feito a partir da experiência do coletivo Jupago Kreká de regeneração da Mata da Boa Vista frente ao desafio de organizar um modelo de cosmogestão territorial ambiental para o Povo Xukuru. O coletivo compõe o grande conselho gestor do território e assume a missão de coordenar ações e atividades, com práticas e saberes advindos das tradições Xukuru, da AgriCultura do sagrado promotora da cultura de encantamentos. Esta é ainda compreendida como modos de vidas cujos conjuntos de experiências promovem o viver na terra sem comprometer a vida biológica e espiritual da própria terra, macroorganismo vivo, casa dos reinados encantados de Ororubá. O Jupago adota práticas e saberes para



promover atividades de (re)conexões com a terra mãe, requalificando, promovendo e potencializando sua ação/missão através da pedagogia de encantamento, pela materialização do encantamento por ações conscientes concretas na busca da regeneração da Natureza sagrada.

Este trabalho foi desenvolvido da Política Nacional de Gestão Ambiental Territorial Indígena (PNGATI). O Coletivo foi responsável pela implementação do plano na Região da Boa Vista, sendo mediador de acordos entre a comunidade, estado e todos os seres que habitam a Boa Vista, para a construção de um cosmozoneamento com regras de uso que promovam o Bem Viver da Comunidade em harmonia com os cuidados da Natureza Sagrada.

A área da Boa Vista, assim como boa parte do território, apresentava estágios avançados de degradação, resultado do processo colonizatório que viveu. Dentro de um histórico de repressão, violência e deslocamentos forçados, fazendas tomaram o território com exploração pecuária e de madeira e, no último século, com a industrialização da cidade de Pesqueira. Indústrias como a Peixe usurparam sistematicamente os recursos do território e as pessoas, a partir de transformações no ambiente, com a introdução de monocultivos e agrotóxicos e exploração da mão de obra Xukuru, dominando o território, o ambiente e a economia local.

Com o colapso da indústria, o povo herdou um território devastado e dificuldades econômicas, passando por tempos de fome e problemas na retomada de suas tradições de conhecimento. Mesmo após as retomadas essas marcas continuam, assim como as marcas na colonização das mentes do povo. O agrotóxico ainda é utilizado em certos lugares comprometendo o solo, as nascentes e a saúde do povo. A pecuária, herdada dos fazendeiros, frente às dificuldades econômicas da população, fizeram com que essa atividade continuasse no território pelos próprios indígenas. A pecuária associada às técnicas colonizatórias é ainda um desafio para a gestão do território, pois o boi é criado em áreas comuns e com poucos recursos de alimento, gerando pressão sobre agricultores e o ambiente. O pisoteio de nascentes e queimadas para a produção de pastagem continuam a degradar o território.

Frente a esses desafios o processo de implementação de uma cosmogestão territorial passou a ser uma prioridade para o povo Xukuru, pensando em formas de coabitar, conviver e cooperar, dentro de uma lógica que não considere o território somente para os humanos, mas para todos os seres que fazem parte dele: plantas, animais, fungos, pedras, seres encantados. Esta visão parte da concepção de o humano entender-se enquanto humano-natureza, sendo parte integrada e indissociável do ambiente. Este processo passa por uma reconexão e sensibilização em um processo de encantamento, que reverbera em um encantamento das ações práticas, necessárias para o desenvolvimento de acordos de ocupação e uso do território, assim como um plano estratégico de ações para regenerar, uma vez que sustentabilidade já não é mais suficiente em um território devastado.



Após diálogos com diversas matrizes de conhecimento, como agricultura sintrópica, agroecologia, sistemas agroflorestais, nucleação aplicada, o Coletivo Jupago Kreká concebeu uma nova forma de pensar processos regenerativos a partir de suas relações no ambiente, em um tempo-espaço da Ancestralidade Xukuru. A Cosmonucleação Regenerativa tem como base núcleos de força percebidos a partir dos sentidos e a compreensão de suas relações, que incluem o humano. A partir dessas percepções e dos conhecimentos agregados de todos os seres que fazem parte das relações do núcleo, compreendemos como podemos fazer parte de um ambiente harmônico, sendo agentes de impulsão de processos regenerativos para toda a vida. Esse exercício nos faz prestar atenção nos pássaros, nos insetos, nas árvores, nas raízes, no ambiente, nas estrelas, ou seja, em todos os elementos que se relacionam, compreendendo como podemos participar desse universo harmônico. A Cosmonucleação Regenerativa, tornou-se princípio de nossas relações e ações, inclusive as produtivas, como a de cultivar alimentos, ou produzir medicinas.

Desenvolvimento da experiência

O processo de aplicação de um plano de cosmogestão ambiental territorial da Boa Vista iniciou-se a partir de parceria com a FUNAI, no âmbito do edital GED/BRA001/PNUD e com consultoria da Ambientalis. O edital tinha como fim fortalecer atividades que se integrassem a gestão de territórios indígenas.

O primeiro passo foi fazer um cosmomapeamento da região da Boa Vista (Figura 1 – Área Azul), identificando áreas de uso exclusivo familiares e áreas comuns. Dentro deste processo foram identificadas as atividades desenvolvidas pela comunidade assim como suas necessidades. Também foi feito um levantamento de pontos importantes para o desenvolvimento da biodiversidade, áreas de nascentes, áreas degradadas, pontos de força espirituais e relevância histórica. A partir destas informações foi possível desenvolver uma proposta de cosmozonação, delimitando áreas de uso assim como suas regras. Por exemplo, foi definido áreas para o uso coletivo para criação de gado (Figura 1 - área amarela), visto esta ser uma atividade importante para algumas famílias, porém considerando a área enquanto de manejo controlado, sendo proibido o uso de fogo ou desmatamento intensivo nessas áreas. Nesse acordo também se definiu uma área de preservação de aproximadamente 360 hectares (Figura 1 – linha perimetral verde).



Figura 1: Cosmomapeamento e Cosmozoneamento da Boa Vista.



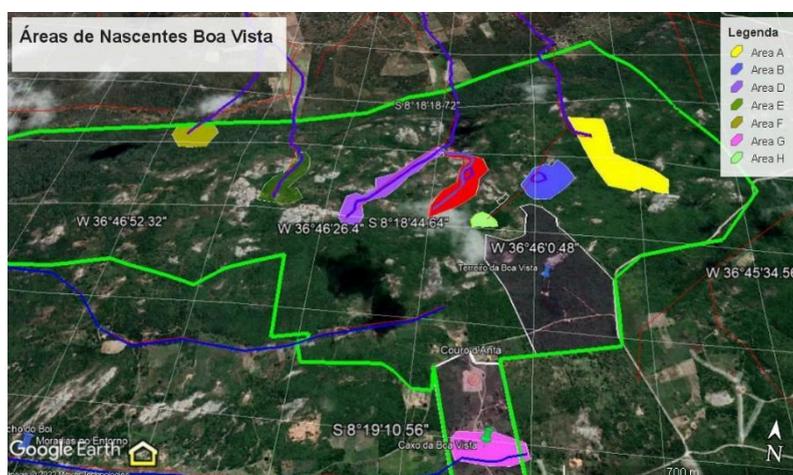
Como o principal problema identificado na área para a regeneração era a presença do gado, a primeira ação feita foi a de cercamento da área, totalizando 3.200 metros (Figura 1 – linha rosa) de cerca linear construídas que foram suficientes para proteger uma área de 160 hectares. A cerca foi construída aproveitando antigas cercas de pedra, considerando trilhas para seu monitoramento, assim como plantio ao longo dela, considerando espécies que pudessem servir enquanto futuras cercas vivas.

Com o trabalho de proteção inicial feito, deu-se início ao processo de conhecer. Foi necessário a prática do caminhar entre as pedras, que formam a região, a partir de abertura de trilhas combinada com a identificação dos potenciais. Após um ano de regeneração sem a presença do gado, foi possível identificar as nascentes que voltavam a ter força, assim como a retomada dos cursos de água. A região protegida é fonte de nascentes que fazem parte da bacia do Ipojuca, e o histórico de sua degradação fez com que as mesmas estivessem adormecidas. Com um ano de proteção as mesmas voltaram a apresentar-se, transformando o ambiente, e passando a apresentar fluxos contínuos por riachos e cachoeiras, passando de efêmeras para intermitentes.

Decidimos então por identifica-las e mapeá-las por subáreas, uma vez que se apresentavam enquanto difusas. Foi possível identificar 24 nascentes, dentro de 8 áreas principais, conforme Figura 2. Essas nascentes passaram a ser consideradas enquanto núcleos de força regenerativa, sendo monitoradas e cuidadas para poderem desenvolver seu processo regenerativo.



Figura 2: Mapeamento de áreas de nascentes da Boa Vista



Em paralelo a este processo, fizemos o mapeamento da biodiversidade local, com o auxílio de mestras/es, anciã/os. Esse mapeamento foi associado com a identificação de conhecimentos tradicionais associados a biodiversidade, que fez possível pensar usos responsáveis da biodiversidade para a produção de medicações, possibilitando a criação de uma sala de preparados medicinais, onde se produz também o cuidado com a fonte da medicina, a partir de manejo regenerativo, e da disseminação de informações sobre um uso responsável, considerando técnicas para extração, manejo, e consideração das populações dos espécimes e as ameaças.

Esse mapeamento da biodiversidade permitiu identificar áreas de domínio. Diferente de antes, onde o único domínio visto era o do humano ou do gado, passamos a ver o domínio dos demais seres. Por exemplo, identificamos a área de domínio da jurema, a área do candeeiro, a área do mulungu, a área de domínio do gavião pé de serra, da barriguda, das lajes e sua biodiversidade associada. O reconhecimento dessas áreas passou a guiar nossas ações. Esse processo passava por um estudo histórico do uso da área, compreendendo condições do ambiente, assim como processos de sucessão e relações de desenvolvimento, importantes fatores para a consideração de como interagir com o ambiente.

Foi possível a partir de processos de sensibilização, compreender os pontos de força da mata, que a partir de uma força que é espiritual é que ao mesmo tempo é material, passa a se compreender o seu potencial regenerativo. Porém isso só pode ser feito ouvindo as histórias dos próprios seres da mata. Essas histórias são recebidas e sentidas, e passam a ser contadas e compartilhadas com a comunidade, caracterizando-se enquanto uma Escola Viva. O compartilhamento dessas informações ajuda o planejamento humano de inserção no movimento regenerativo. Começa-se a compreender a pedagogia aplicada por outros seres, como a pedagogia do passarinho, que nos ensina a ter sutileza, a como plantar, a como se harmonizar com o ambiente cantando e dançando. Esses processos de encantamento ajudam a reconhecer os outros agentes regenerativos, e se inspirar



neles, algumas vezes mimetizando seus passos, e outras só ajudando-os a continuar suas atividades.

Todo este processo de cuidados foi associado a outras ações educativas, como formações para coleta de sementes, produção de mudas, plantio por sistemas agroflorestais, respeitando os princípios de uma cosmonucleação regenerativa.

Técnicas agroflorestais precisaram ser repensadas, respeitando e integrando-se a núcleos de força. Isso passa por compreender como os seres ao redor se interagem. No caso de domínios como o capim, resultado de intervenção violenta humana, ações de manejo foram necessárias. Priorizou-se valorizar as mudas plantadas por outros seres (sendo assim não podemos as chamar de espontâneas), no lugar de limpeza completa e plantio de mudas. As mudas produzidas foram utilizadas se agregando ao ambiente, enquanto soma de forças para o núcleo. Elas eram pensadas a partir de sua relação de harmonização e não de domínio.

As atividades foram iniciadas com o Projeto FUNAI/BRA001, entre 2021 e 2022, e continuam evoluindo em seu fluxo de execução. Continuamos o trabalho, ampliando a área de ação de proteção e gerando pontos para conexão a partir de atividades. A cosmonucleação regenerativa está acontecendo na Boa Vista, e já começa a expandir as relações de seu núcleo pelo território Xukuru.

Desafios

O principal desafio é romper com o violento processo colonizatório que ainda assombra o território. A colonização dominou modos de vida, criando dependentes de práticas que degradam o ambiente em troca da falsa segurança do sustento de suas famílias. Neste caso destaca-se a pecuária extensiva com o boi na manga, criação com o animal solto em áreas coletivas. Como as áreas já estão degradadas, períodos de estiagem fazem com que a pressão para o uso de novas áreas aumente, e isso ocorre pela própria movimentação do gado no território.

Como solução buscamos o diálogo, que não foi fácil visto que lidamos com o sustento de famílias. Apresentar novas práticas e técnicas nem sempre é possível, uma vez que a prática da criação passou a fazer parte do modo de vida e cultura dessas pessoas, sendo assim, processos de mudança passam pela dificuldade da transição de modos de vida. Como primeiro caminho foram acordadas formas de convivência e respeito, que nesse caso precisou ser construído a partir do cosmozoneamento. Esse processo foi uma solução dentro desse contexto, porém sua implementação de forma ampla precisará passar por processos de reflexão pela comunidade para a construção de acordos sustentáveis.

Outro problema encontrado é a prática de caça de animais silvestres. Infelizmente a caça tem perdido os laços com os conhecimentos tradicionais Xukuru que respeitavam os seres da mata, seus ciclos, suas relações. Novos movimentos de caça promovidos pelo último governo de Bolsonaro, fizeram com que a caça



crecesse no território, a partir de práticas com fins esportivos e comerciais, o que viola as condições éticas/morais das relações tradicionais de caça Xukuru.

Frente a estes desafios, nosso trabalho é de conscientização da comunidade, com destaque ao envolvimento das crianças nesses processos, em conexão com os anciã/os detentores dos saberes tradicionais Xukuru. Para isso estamos trabalhando a idéia da escola Viva Xukuru, fundada na *guyança dultrapyah*, aprendendo pelo caminhar, sentir, observar, comunicar e interagir no ambiente.

Principais resultados alcançados

Dentre os resultados atingidos até agora neste processo podemos destacar proteção de 160 hectares de forma total, dentro de 360 hectares já mapeados para continuação de ações para processos regenerativos. Anualmente estamos plantando 5.000 árvores no território desde 2021, o que se faz em conjunto com o debate sobre a mitigação de impactos climáticos.

Realizamos a formação de 15 indígenas em coletas de sementes, preparo de mudas, implantação e manejo agroflorestal a partir da cosmonucleação regenerativa. Estas formações práticas, foram aplicadas na implantação de 3 hectares de sistema agroflorestal a partir dos princípios da cosmonucleação regenerativa. Como resultado, tivemos 24 nascentes passando de estado efêmero para intermitentes.

No que tange conceitos de sustentabilidade e cuidados, foi operacionalizado a Sala de Preparados Medicinais Jeti Radyá, na qual mulheres produzem medicinas, para circuitos de economia solidária cuidando da mata sagrada. Promovemos também experiências com a Agricultura Sagrada com agricultores Xukuru, reforçando conhecimentos com a alimentação tradicional. Viabilizamos a formação em tecnologias socio-ambientais, com a instalação de sistemas como energia solar, criação de peixes com reuso de água, captação de águas pluviais, quintais produtivos,

Para a promoção de acordos para a gestão territorial, iniciamos o mapeamento da Biodiversidade local, assim como debates sobre protocolo comunitário Biocultural do povo Xukuru. Também foi possível iniciar um processo de Cosmo-gestão Ambiental territorial da Boa Vista a partir da PNGATI.

Disseminação da experiência

A cosmonucleação regenerativa e as experiências aplicadas são compartilhadas com diversos visitantes que chegam ao território Xukuru, sejam acadêmicos, estudantes, movimentos sociais e agroecológicos. Divulgamos nossos trabalhos em mesas e palestras em diversos eventos e congressos ao longo dos últimos anos.



Ao mesmo tempo, atividades dentro do território têm sido desenvolvidas, recebendo estudantes e as instituições locais Xukuru. A última Assembleia Xukuru teve como tema central a cosmogestão ambiental do território, sendo assim o trabalho tornou-se o grande foco de ação atual do povo Xukuru do Ororubá.